



VIDA ARTISTICA: SEMANARIO DE ARTES E LETTRAS¹ (Lisboa, 1911 – 1912) – Regia-se pela divisa *para Arte e pela Arte*² e empenhou-se, particularmente, na divulgação do teatro português no tempo da Iª República Portuguesa. Ilustrado a preto e branco e de teor cultural, publicou-se em Lisboa e focou matérias variadas como as artes exibição, a literatura, a música erudita, desportos e tauromaquia. Foi editado por Ernesto Zenóglio³, e dirigido por J. Pedroso Amado que foi, também, o seu primeiro proprietário (n.ºs 1 – 13). A este último seguiram-se Jayme Correia (n.ºs 14 – 41), e a Empresa *VIDA ARTISTICA* (n.ºs 42 – 47). Por ele passaram três chefes de redação: Valentim T. Costa e Silva⁴ (n.ºs 1 – 14) e, depois, os colaboradores Eduardo Fernandes (n.ºs 15 – 43) e António Costa (n.ºs 44 – 47).

Durante o seu primeiro ano de vida, ocorreram várias mudanças no semanário. Os seus escritórios de redação e administração começaram por funcionar na Travessa da Queimada, 42, 1.º (n.ºs 1 – 6) no Bairro Alto, e depois mudaram-se para a Passerelle do Elevador S. Justa, A (n.ºs 7 – 14). A seguir, informava-se que a sua correspondência devia ser dirigida para a Rua do Mundo, 81, 2.º andar⁵ (n.ºs 15 – 41). Esta última morada foi, cronologicamente, utilizada pela redação e administração que ali recebia correspondência, provavelmente porque não comportaria custos para o periódico (n.ºs 42 – 44). Por fim, os seus serviços administrativos passaram para a Rua do Telhal, 48, 1.º (n.ºs 45 – 47). Para continuar a existir depois de 1911, também o seu subtítulo sofreu alterações, o *semanario de Artes e Lettras* (n.ºs 1 – 41), publicou-se, uma vez, apenas com o título principal *Vida Artística* (n.º 41, número extraordinário do Carnaval 1912) e, depois, cada exemplar, passou a ter dois complementos de título: *revista ilustrada de Artes e Lettras* (capa), e *Artes e Lettras* (primeira página).

A coleção completa do periódico é constituída por 48 números, 2 suplementos e um número extraordinário, com paginação própria. Os primeiros 41 números foram semanais e saíram a lume em 1911, aos sábados, entre a 3.ª semana de março e 30 de dezembro de 1911, com oito páginas cada, sendo as duas últimas ocupadas com anúncios publicitários. Os seus suplementos, de

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/vidaartistica_semanariodearteseletras/vidaartisticaSemnario.htm

² V. artigo intitulado “Um aniversario luctuoso: 16 de março de 1910: O actor João Rosa (1843 – 1910)” pelo seu par, hoje desconhecido, Telmo Paes (n.º 1, p. 2).

³ Além de editor, apenas sabemos que colaborou a *Vida Artística* como fotógrafo da “Exposição de Pintura, Desenho e Caricatura no salão Bobone (rua Serpa Pinto, 11)”, publicada com “clichés de E. Zenóglio” (n.º 2, p. 4 – 5); e do conteúdo do seguinte anúncio: “Ernesto Zenóglio. Este nosso presado amigo, professor de dança do Collegio Militar, Escola Academica, Collegio Inglez e outros, mudou a sua residencia para a Rua do Salitre, 297, 1.º, telefone 2:702, o que participa aos seus discípulos e amigos” (n.º 16, p. 3).

⁴ Valentim T. Costa e Silva foi o 1.º Chefe de redação da *Vida Artística*. Nela, colaborou, pensamos nós, como Costa e Silva e C.S. Desconhecemos a razão do seu afastamento público através do anúncio desagradável, que citamos: “Atenção. Prevenimos de que deixou de fazer parte d’esta redacção o sr. Valentim T. Costa e Silva e que por isso se acha impossibilitado de qualquer transacção relativa a este semanário” (n.º 15, p. 2).

⁵ No mesmo endereço funcionava, também, a Associação (da classe) dos Artistas Dramáticos criada em 1908 (V. “A Arte em festa”, não assinado. In *Vida Artística*, n.º 43, p. 7).

datação própria, foram: “Suplemento ao n.º 5” de 27 de Abril de 1911, sobre “a primeira festa ofertada aos seus leitores pela *Vida Artística*”; e o “Suplemento ao n.º 28” de 5 de Outubro 1911; apresentaram, ambos, uma imagem alusiva nas suas primeiras páginas, respetivamente: um desenho humorístico de Alonzo⁶ com a legenda “A bilheteira do Gymnasio no ultimo sabbado”, e uma fotografia do “Busto official da Republica” para celebrar o primeiro aniversário da proclamação do novo regime, com o total de 4 páginas muito ilustradas cada um. Só passados um mês e dezassete dias, em 1912, é que se publicou um “Número extraordinário do Carnaval 1912 (17 de fevereiro de 1912) “composto por textos de teor satírico, assinados por iniciais indecifráveis, com o total de doze páginas, seis das quais com publicidade (n.º 41, de numeração repetida) e, depois, mais 6 números entre 10 de março e 30 de abril de 1912, de dez em 10 dias, com capa e contracapa, primeira página e versos, e doze páginas por exemplar, das quais três páginas e meia de publicidade (n.ºs 42 – 47).

Cronologicamente, o preço das suas assinaturas manteve-se para Portugal e Ilhas: 3 meses 300, 6 meses 600, e 12 meses 1200 réis; para o Estrangeiro: 3 meses 900, 6 meses 1800, e 12 meses 3600 Réis, sendo que este último eliminado uma vez (n.º 42) e, depois, reduzido para 3500 réis (n.ºs 43 – 47). O mesmo não aconteceu com o preço do número avulso, o qual foi aumentando: 20 réis (n.ºs 1 – 4), 30 réis (n.ºs 5 – 41) e, por fim, 40 réis.

Acerca das alterações ocorridas, publica-se “Uma explicação” aos leitores, não assinada, que menciona uma reforma dos serviços pela “actual administração” que incluía a “mudança no aspecto geral d’esta revista” e “a sua suspensão”. Em sequência, acrescenta-se, “innumera correspondência nos chega, parte felicitando-nos pela reaparição e até pelo novo aspecto da *Vida Artística*; mas outra parte lamentando-se pelas modificações feitas, a pretexto de que ficou menos leitura”. Afirma-se, ainda, que “é certo que o passado anno da *Vida Artística* tinha oito páginas, em formato grande, mas se atendermos a que três e meia páginas eram ocupadas por annuncios e uma pelo frontespicio, ver-se-ha que a quantidade de leitura aproveitavel era realmente inferior á que agora contém a nossa revista, conquanto tenha mudado para formato mais pequeno”, e que “ainda tem maior somma de composição em corpo 8, que raras vezes chegava a ocupar uma página, ao passo que agora tem quatro paginas n’esse typo.” Estes, considerando-se “melhoramentos, – porque o são realmente, – tiveram também em vista tornar a *Vida Artística* mais manuseável; além de que o sr. assignante (...) nada por igual perdeu quanto ao preço da assignatura, que ficou o mesmo”, e que “antes ganhou (...) sem o dissabor de ver annuncios intercalados no texto quando tenha a revista encadernada” (n.º 43, p. 4).

A *Vida Literaria* encontrava-se à venda, não só no endereço dos seus escritórios em Lisboa e em todas as tabacarias e quiosques, mas também nos teatros como, por exemplo, o do Ginásio que suscitou o seguinte aviso: “Prevenimos os nossos leitores que costumam comprar a *Vida Artística* ao nosso vendedor neste teatro, de que de futuro o devem fazer no bengaleiro,

⁶ Alonzo (ou Alonso) é a assinatura artística, ou pseudónimo, de Joaquim Guilherme Santos Silva (1871 – 1948). Foi um artista gráfico que se notabilizou como ilustrador e caricaturista, premiado pela SNBA (Sociedade Nacional de Belas Artes), além de professor de desenho na Escola António Arroio, em Lisboa. A partir de 1891 colaborou artisticamente em muitos periódicos, como nas primeiras páginas da *Vida Artística*, e trabalhou episodicamente, com Rafael Bordalo Pinheiro (1846 – 1905). Participou, no I e II Salão dos Humoristas Portugueses (1912 e 1913), os quais deram visibilidade ao seu trabalho e de muitos outros artistas, lançando-os profissionalmente.

visto que, por motivos que ignoramos, a Empreza proibiu a venda do jornal dentro do teatro” (n.º 32, p. 4). Vendia-se, também, fruto do empenho dos seus correspondentes e agentes, em outras cidades: “Torres Vedras, em casa do sr. A. Cabral”; no “Porto, na rua do Laranjal 159, em casa do sr. A. Dias Pereira”; em “Cintra, na Tabacaria Perola” (n.º 2, p. 3); José da Silva Dias, agente nas Caldas da Rainha (a partir do n.º 24); Gonzaga Gomes, correspondente nas Caldas da Rainha (ambos a partir do n.º 25); e João de Moura Marques, correspondente e agente em Coimbra, na sua casa, na rua Ferreira Borges (a partir do n.º 38), etc.

Os seus responsáveis utilizam todas as estratégias contemporâneas para sustentar o periódico, seja por pequenos anúncios sobre *Clichès* em fotogravura para *aluguer* na redação do semanário (n.º 2, p. 6), ou em página inteira com a informação de serem a preços módicos e por mais de uma gravura com ajuste especial (n.ºs 7 – 8, n.º 12), ou nas duas vertentes de venda e *aluguer* de gravuras (n.ºs 35 – 41).

Paralelamente organizavam-se festas para os “leitores da *Vida Artística*”, presentes em anúncios de página onde se lê o programa e a condição necessária para venda, e não oferta, de entradas: “na bilheteira do teatro seja apresentado um exemplar d’este numero para que (se) forneça um bilhete”, dos quais “50% do produto da venda dos bilhetes para este grandioso espectáculo sera oferecido á instituição escolar *VINTEM PREVENTIVO*” em reportagem fotográfica no suplemento a este número, que já referimos (n.º 5, p. 4, p. 8), e no artigo “A Festa da *VIDA ARTISTICA* no Gymnasio (27 de Abril de 1911)” (n.º 6, p. 2).

E, porque a sua primeira festa foi um sucesso, anunciou-se logo outro evento, assim: “ATENÇÃO. A *VIDA ARTISTICA* oferece no dia 1 do próximo mez de Maio a todas as pessoas que desejem ser seus assignantes (por 12 meses), um bilhete para assistir gratuitamente ao espectáculo que n’essa noite se realizará no Theatro do Gymnasio”, no qual “os bilhetes de geral e varandas serão vendidos na bilheteira e o seu produto entregue ao *SECULO* para ser distribuído pelos seus pobres protegidos” (n.º 6, p. 8). Ainda outra, “a terceira festa da serie que esta revista tem oferecido a todos os seus amigos desde a sua aparição, a qual brevemente atinge um anno”, anuncia-se no texto “Uma Festa”, não assinado, também para o teatro do Ginásio no “dia 3 do próximo mez de janeiro (1912), na qual têm entrada por meios preços os nossos estimáveis assignantes, anunciantes e compradores avulsos” (n.º 40, p. 3).

Entretanto, realizou-se a “Grande excursão em automóveis GRATUITAMENTE!! Oferecida a todas as pessoas que enviem para a redacção da *Vida Artística* 10 assignaturas por um anno d’esta revista, pagas adiantadamente, ou um annuncio de pagina. A excursão realizar-se-há no dia 11 do próximo mez de Junho”, com a oferta de “um esplendido almoço na Praia das Maçãs”, em automóveis da acreditada marca FIAT, a melhor até hoje conhecida” (n.º 10, p. 8). Em outro com a fotografia de um automóvel com oito pessoas sentadas e o motorista em pé (n.º 11), referida no texto turístico “A nossa excursão”, não assinado, a qual chamou a atenção “dos que passavam o som forte das buzinas dos 6 automoveis Fiat (o maior anunciante do periódico)” (n.º 14, p. 3). A propósito deste novo meio de fazer turismo, já na secção *Litteratura*, A. Costa tinha assinado o artigo “As excursões como meio

de civilização” debatidas no “Congresso de Turismo que acaba de se realizar em Lisboa” (n.º 9, p. 2).

Não consensual, foi a promoção da agência funerária *A Luctuosa* anunciada, primeiro, no pequeno texto “Aos nossos assignantes e leitores”, não assinado, que chamava a atenção para um anúncio, de página inteira, que identificava a agência como sendo de “funeraes grátis e dinheiro para lucto a todos os subscriptores” acrescentando, note-se, o preço semanal para “três categorias de subscriptores” (n.º 42, p. 6, e contracapa), com o endereço da sede da Associação dos Artistas Dramáticos. Consequentemente publicou-se, no número seguinte, o artigo “Nunca é demais”, não assinado e em voz plural, contra superstições e a defender a *Luctuosa* que “certas pessoas das nossas relações acabam de inaugurar entre nós um systema de serviços de previdência” para responder à “lei comum que a ninguém deve surpreender, – a morte – pouco faltou para que de novo ardesse Troia” (n.º 43, p. 5 – 6).

Consciente do fim do periódico, o diretor J. Pedroso Amado escreve sobre António Costa⁷, homenageia-o, enquadra o ambiente contemporâneo, e fala dos “amigos verdadeiramente sinceros, que sem auferirem a menor retribuição material nem o ínfimo favor d’ este jornal, o teem acompanhado e auxiliado na sua marcha desde o início, concorrendo com o seu trabalho valiosíssimo, para que a *Vida Artística* já conte mais de um anno de publicação”, pois a “existência que um jornal desta d’ esta natureza dificilmente alcança atendendo ao meio acanhado de apreciadores do género, mercê de tão manifesta falta de instrucção e da tão pouca vontade que infelizmente o nosso povo tem de se instruir. No numero desses bons e generosos amigos, contamos (...) Jayme Cunha (poeta) e Alfredo Pinto (Sacavém)⁸ a quem já nos temos referido, e António Costa, actual chefe d’ esta redacção que, nos orgulhamos de considerar um dos nossos exemplares amigos.” (n.º 47, p. 1 – 2).

ESTRUTURA GRÁFICA

Várias publicações periódicas, de diferentes géneros, registaram o aparecimento da *Vida Artística*.

⁷ António Cândido Ribeiro da Costa (1850 – 1922) foi professor, escritor, conferencista académico, e político, entre outras funções. Nasceu em Candemil, no distrito do Porto e faleceu em Lisboa. Formou-se em Direito (1875-1876), e obteve o grau de doutor (1877 – 1878) pela Universidade de Coimbra. Foi membro efetivo do Instituto de Coimbra e da Academia Real das Ciências de Lisboa. Colaborou como crítico de Arte em vários periódicos, entre eles a *Vida Artística* onde assinou artigos como A. Costa e A.C., em várias secções, das quais falaremos mais à frente, e onde foi um dos homenageados, com retrato na primeira página (n.º 47). Depois da proclamação da República em Portugal (5 de outubro de 1910), António Costa, então considerado “eminente orador, parlamentar e jurisconsulto pediu e obteve a exoneração do lugar de procurador geral da corôa, em que foi substituído pelo afamado jurisperito, escriptor, orador e poeta, dr. Manuel de Arriaga (1840 – 1917) “ (V. “Antonio Candido Ribeiro da Costa”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, por Brito Aranha T. XX (1911), p. 353.

⁸ Alfredo Pinto (Sacavem) (1874 – 1945) foi o 2.º Visconde de Sacavém, daí a sua assinatura. Foi crítico de arte, sobretudo musical, cronista e autor dramático. Natural de Lisboa, foi nomeado para Guarda-mor da Torre do Tombo (1907). Na revista *Vida Artística* fez parte do corpo de redação e colaborou, não só na sua secção *Vida Musical*, mas também, e simultaneamente, como crítico teatral em *Pelo Theatro* (n.ºs 37 – 39, n.º 41) e, parece-nos, também usou as iniciais A.P.S., pois assinou assim alguns textos na sua secção. Como autor, foi elogiado com foto e como autor do livro *Miscellanea* (n.º 10, p. 3) e em “Novidade Literária” com *Horas d’Arte* (no Prelo) e *A trouxe-mouxe* num anúncio solto (n.º 14, p. 6). Foi homenageado, também, na primeira página como crítico e cronista musical da *Vida Artística* por A. Costa, chefe de redação (n.º 43, p. 1 – 2).

Uma delas foi o jornal informativo *A Capital*⁹, ao publicar que “saiu o 1.º numero d’este semanario de artes e lettras, dirigido pelo sr. J. Pedroso Amado. Apresenta-se bem redigido, ilustrado com profusão, e traz na primeira pagina o retrato do ator João Rosa, commemorativo do 1.º anniversario do falecimento do grande artista. Longa e prospera vida ao novo colega.”¹⁰ Entre outras, a revista especializada *A Arte Musical*¹¹ noticia a *Vida Artistica* por duas vezes, porque “se ocupa de varios assumptos musicaes, publica o retrato de um moço pianista, ainda desconhecido para a maioria dos nossos leitores, e que tem, no dizer da elegante revista, um talento promettedor. É João Queriol (*Vida Artistica*, n.º 29, p. 1 – 2), filho do ilustre oficial de marinha, sr. Nuno Queriol, e discipulo de Timotheo da Silveira. O joven pianista tem apenas 13 annos d’idade”¹²; e para agradecer o exemplar oferecido com a reportagem fotográfica e texto de A. Costa em “uma folha de grande formato com os retratos de todos os artistas da companhia do Theatro da Republica (n.º 34).”¹³

Para além de ser bem redigido, as suas primeiras páginas eram muito atrativas, mesmo que ilustradas a preto e branco, porque incluíam duas imagens. Uma dessas imagens surge na sua metade esquerda, como uma composição desenhada de teor clássico, alusiva ao género literário e com uma assinatura indecifrável, a qual foi, quatro números depois, substituída, ainda em 1911, por outra semelhante, de Alonzo (n.ºs 5 – 47). No entanto, a primeira imagem voltou a aparecer, em dimensão inferior, na primeira página do número extraordinário de carnaval de 1912, e nas capas seguintes, seguida da composição de Alonzo, também menor, nas primeiras páginas de cada exemplar (n.ºs 41 – 47).

Na primeira página do periódico, mas no canto inferior direito por baixo do frontispício exhibia-se ainda um retrato de uma personalidade dramática a homenagear, cujo texto referencial publicava-se, habitualmente, na página seguinte. Desses retratos, destacamos: António Joyce (1888 – 1964) investigador e dinamizador musical, o Maestro Puccini (1858 – 1924), o compositor italiano numa caricatura de *Major* (?), e Maurício Bensaúde (1863 – 1912), ator, barítono e gerente da Empresa do S. Carlos) na secção regular “Vida Musical” – os três assinalados por Alfredo Pinto (Sacavém), (n.º 2, n.º 17, n.º 26); Dr. Alfredo de Magalhães (1870 – 1957) político, médico e professor, o Dr. Júlio Dantas (1876 – 1962), escritor, político e dramaturgo, com formação em medicina, o Dr. Cunha e Costa, conferencista sobre “Theatro nacional” no S. Carlos e advogado, Medina de Sousa (1857 –?), atriz, Camilo Castelo Branco (1825 – 1890), escritor, cronista e tradutor, o falecido Rafael Bordalo Pinheiro, artista com (sua) “A fábrica das Caldas da Rainha”, e Dr. Manuel de Arriaga (1840 – 1917), advogado, político (etc.) – os sete acompanhados por textos de Costa e Silva ou C. S. (n.ºs 3 – 6, n.ºs 10 – 11, n.º 13); “Grupo das *tiples* da companhia hespanhola de zarzuela” (n.º 7) num *cliché* de J. Benoliel (1873 – 1932); reprodução de quadros, sem texto, legendados de “*Retrato de Creança* (do natural), Alves Cardoso (1833 – 1962) que figura na proxima

⁹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/ACapital.HTM>

¹⁰ V. “Publicações Recebidas: *Vida Artistica*”. In *A Capital: diario republicano da noite*, n.º 261 (26 de março 1911), p. 2 (consultável na Hemeroteca Digital).

¹¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArteMusical/ArteMusical.htm>

¹² V. “Noticiário”. In *A Arte Musical: revista publicada quinzenalmente*, n.º 308 (15 de outubro 1911), p. 159 (consultável na Hemeroteca Digital).

¹³ *Idem*, n.º 317 (29 de fevereiro 1912), p. 40.

exposição da Academia de Bellas Artes” e, do mesmo pintor, *Uma licção antes da festa* (n.ºs 8 – 9); “A bilha quebrada” (grupo em cerâmica) em “A exposição de Gustavo Bordalo Pinheiro (1867 – 1920)”, também em reportagem fotográfica, por E.F., ou Eduardo Fernandes (n.º 15); Alexandre Azevedo, ator e artista, Adelina Abranches (1866 – 1945) e Maria Augusta, atrizes, Silva Pinto (1848 – 1911) publicista, jornalista, crítico e escritor recém-falecido – os quatro pelo indecifrável PST. (n.º 16, n.º 19, n.ºs 33 – 34); “Reprodução d’um programma de teatro, de 1796” do S. Carlos, o único publicado apesar de anunciado como o primeiro a publicar em “Raridades” (n.º 18); João Chagas (1863 – 1925) presidente do Conselho e ex-jornalista, pelo cronista José Sarmiento (1870 – 1939) (n.º 25); e “Monna Lisa – Gioconda (celebre retrato de Leonardo de Vinci desaparecido do museu do Louvre em Paris)” (n.º 27), notícia que continua nas páginas interiores dos números seguintes do semanário, por ser de interesse mundial e chamativa nos postos de venda de periódicos.

SECÇÕES E COLABORADORES

O investigador Daniel Pires incluiu a *Vida Artística* no género de Imprensa Periódica Literária¹⁴, então o género das publicações culturais apolíticas¹⁵ e destacou as colaborações de Fialho de Almeida (1857 – 1911) com a crónica literária continuada “Saibam quantos... Bohemios” (n.ºs 17 – 18, n.º 20, n.ºs 25 – 27); e Agostinho Fortes (1869 – 1940), autor dos textos teóricos de “Considerações gerais sobre a Arte em Portugal: I-IV” (n.º 26, n.º 28, n.º 30, n.º 37). Daniel Pires referiu, também, a colaboração de: Afonso Lopes Vieira (1878 – 1946), que publicou o longo poema “O Lobo de San Francisco de Assis” (n.º 37); Alfredo Pinto (Sacavém); André Brun (1881 – 1926); Eduardo Fernandes; Mário de Almeida; e Nogueira de Brito.

As secções que foram a alma do periódico e o definiram foram: *Vida Musical*, *Pelo Theatro*, *Sport* e *Litteratura*; mas pode-se acrescentar, também, *Arte dos Montes/Tauromaquia*, pela sua razoável longevidade.

No seu número inicial, e até ao último, publica-se *Vida Musical*, secção de crítica e divulgação de músicos e de música clássica, da responsabilidade de Alfredo Pinto (Sacavém) ou A.P.S, e onde D. PICO assinou jocosamente (n.º 41, extraordinário do Carnaval 1912) e onde se fala, particularmente, das “Mulheres Compositoras: algumas dignas de menção I – IV” (n.ºs 29 – 32). Pensamos que Alfredo Pinto (Sacavém) foi, igualmente, o autor das crónicas de eventos locais, sob o título “Caldas da Rainha” assinadas por Atys¹⁶ (a última foi de Semog?), porque vai para lá “fazer uso das aguas” (V. n.º 21, p. 5; crónicas a partir do n.º 23). Ainda no primeiro número e por ordem de publicação, aparecem as secções: *Sport*, de Romolo (pseudónimo de António Santos (V. assinatura no n.º 27, p. 6), que foca vários desportos até ao

¹⁴ Cf. “VIDA ARTISTICA”. In *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda., 1996, p. 367.

¹⁵ M. (?) colaborou no espaço “Entre Nós...Chronica da Semana” onde refere, ironicamente, que “a nossa revista não é política; não quer nada com esta dama, muito gentil, muito bem posta, muito elegante mas...sempre o mas! Muito convencional, muito postiça” (n.º 3, p. 6). Na segunda e última destas crónicas, M. escreve que é um acérrimo partidário das saias-calções” por causa “da conta da modista com uma redução notável” (n.º 4, p. 3).

¹⁶ *Atys*, num aparte, é o título de uma ópera barroca do compositor italiano Jean –Baptiste Lully (1632-1687), e nome mitológico grego.

penúltimo número (n.º 46), com textos muito elogiados sobre *Jogos Olympicos Nacionais* (n.º 12 e seguintes); “Agricultura (oliveira)”, em única exibição, por Sílvio Mena; *Alta(s) Roda(s)*, não assinada, que começa com o ensino da dança quadrilha e com o concurso de “A senhora solteira mais interessante que assistiu” e, termina com lista de eventos sociais (n.º 5). *Pelo Theatro* foi outra secção inicial e quase regular, que começou não assinada; depois subdividiu-se em Porto, com Eduardo dos Santos (1893 – 1943), ali correspondente e agente (a partir do n.º 25), e Lisboa, por vários autores como V.T., C. A., Eduardo de Freitas (1866 –?) correspondente em Berlim (a partir do n.º 8); J.P.A. ou J.P. Amado ou J. Pedroso Amado (três assinaturas do diretor do semanário), Santos Vieira, e XXX (todos a partir do n.º 5). A par, publicava-se “Coisas de Teatro” de Mário de Almeida (1889 – 1922), em continuação (n.ºs 7 – 14), e listagens em *Revista dos Theatros* por PST e *Espectaculos* (n.ºs 15 – 23; n.º 38), ou *Theatros* (n.º 41). Segue-se a rubrica *Arte dos Montes* sobre corrida de touros, iniciado por José Faria, o qual, dois números depois, volta com Mário Nogueira que, passados outros dois números, o vai intitular de *Tauromachia* e o vai assinar até terminar (n.ºs 5 – 20). Em rodapé, espaço habitual nos jornais e antes das duas últimas páginas com publicidade, publicava-se em “Folhetim: *Uma Família Ingleza* (1868)”, apenas o prólogo deste romance famoso de Júlio Dinis (1839-1871), continuado (n.º 1, n.ºs 3 – 4).

Antagonistas em relação às mulheres escritoras foram, no periódico: Mário de Almeida que, além de crítico teatral, publicou uma série de artigos contra as “Mulheres de Letras” inapropriado e ofensivo no tempo da 1.ª República Portuguesa (n.ºs 22 – 30); e José Sarmiento que elogiou a “Mulher Portuguesa: a proposito da missão de estudo da sra. D. Virginia Quaresma (1882 – 1972) “como exemplo de uma conquista das mulheres” (n.º 24, p. 2). Este último defendeu, também, a classe dos jornalistas, no artigo “O cançado chá que ferve” (n.º 22, p. 2), além das crónicas “Obriguem-no a falar!” (n.º 18, p. 2) e “Variações sobre um velho tema (Villegiatura)”, de teor político (n.º 20, p. 2); e culturais sobre “Leal da Camara” (n.º 15, p. 2) e “O espectáculo popular” (n.º 17, p. 2).

No segundo número do semanário iniciou-se a secção *Litteratura* (até ao n.º 45), que começa por publicar poemas de André Brun (1881 – 1926), e de Augusto Gil (1873 – 1929); seguem-se: José Amaral Frazão (1889 –?); Jayme (Joaquim foi erro) Cunha, que será uma presença constante; Miguel Bombarda filho, entre outros que já referimos. Nesta secção também colaboraram, com crónicas e contos, autores nacionais e estrangeiros como: Nogueira de Brito (1883 – 1946) estudioso de “Um poeta do século XVIII (Thomaz Pinto Brandão)” com o soneto “Epitaphio” (n.º 5), além de “A evolução scientifica e artistica” (n.º 8), e de “A Litteratura Hespanhola: Lope de la Vega (1562-1635)” (n.º 11); A. Costa com “Uma sciencia derivada da arte” (n.º 7), a “Acção social da litteratura” (n.º 12) e “A Mulher” (n.º 46); António Pinheiro¹⁷ que foi divulgado como ator, e escritor “pujante de humorismo” em “*Ossos do Oficio: trecho de livro seu*” (n.º 21, p. 2, p. 3); Octave Mirbeau (1848 – 1917) enviou *O pequeno*

¹⁷ António Pinheiro (1867 – 1943) foi escritor, pedagogo, professor de Estética e Plástica Teatral no Conservatório Nacional, tradutor teatral, encenador teatral e cinematográfico, e em muitas outras vertentes. A sua relevância dramática como “distinto artista dramático” vale-lhe, assim como à atriz Lucinda do Carmo, serem “admittidos no Theatro Nacional como societários” (V. *Vida Artistica*, n.º 19, p. 6; n.º 32, p. 4). Apesar de não ser colaborador assíduo no semanário, merece ser lembrado como mentor, “presidente perpétuo e sócio n.º 1, e da Associação dos Autores Dramáticos, (criada em 1908) que fundou, foi também fundador da Caixa de Socorros dos Artistas do D. Amélia” (“Pinheiro, António”. In *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (1990), Vol. III, p. 58.

mendigo (n.º 37); Jean Richepin (1849 – 1926) expõe *A palha humedecida dos cárceres* (n.º 33); Maurice Curnonsky (1872 – 1956) com “Uma estreia” (n.º 34); Mauricio Level (?) assina *De olhos abertos* (n.ºs 38 – 39); Luzia da Fonseca publica *O Fascinado, A Promessa, Mães, e Romance d’uma ondina* e “A estátua equestre do rei D. José I” (n.º 41, n.º 42, n.º 44, n.º 45, n.º 47); Catule Mendès (1841 – 1909) deixa-nos *Baptistina ou os três leitões* (n.º 43); D. Palmiro de Lidia (pseudónimo de Adrián del Valle Costa, 1872 –?) publica *O festim dos abutres* (n.º 44).

Aos literatos anteriores, acrescentamos mais poetas e contistas fora de rubricas, como os poetas: Jean Aicard (1848 – 1921), Celestino Duarte de Almeida, Acácio Antunes (1853 – 1927), e Armando Barata; Borges de Castro, Gabriel Fonseca, João Maria Ferreira (1884 –?), Alfredo da Cunha (1863 – 1948), Arnaldo Nunes, Isaac Levy (1869 – 1952), Alfredo Pico, Siciliani Chacon, Francisco dos Santos Viegas, José Malta (Actor), Julia Amado, Maria Clotilde de Noronha Penaguião, e Arnaldo Leite. Em prosa solta marcaram presença: Martins Monteiro ao divulgar a “Exposição de Pintura: D. Julia Vouga Ribeiro da Silva” (n.º 5); Victoriano Braga (1888 – 1940) com um Excerto de *Desagravo: peça em 4 atos* (n.º 6); E. G. Bretol com *O dote de Genoveva* ilustrado por José Roberto dos Santos (V. tb. “Mais um”, n.ºs 23 – 24); Jean (pseudónimo de Aubry Georges, 1882-1950) noticia “Tres Sarcophafos da família de La Lafayette” (n.º 26); Guilherme J. C. Henriques (1846 – 1911) sobre a festa benemérita à atriz “Anna Pereira” (n.º 46); C. Rosado reporta a “Excursão invernal (redação do *Tiro e Sport*)” (n.º 46).

Para cativar mais assinantes através da polémica inicia-se, no periódico, o espaço *Tiros Certeiros* de sátira teatral, primeiro não assinada (n.ºs 2 – 4) mas, depois, com textos do diretor, JPA ou J. Pedroso Amado, seja a defender a entrada “nas salas de espectáculos a horas” (n.º 6, p. 6), ou em resposta a leitores porque “a classe dos artistas dramáticos se encontra em tão manifesto estado de decadencia” (n.º 8, p. 6) e outros correlacionados (n.ºs 18 – 19, n.º 38), que finaliza com o texto crítico sob o subtítulo “Acabem com as feiras” porque “Camara Municipal de Lisboa vae mais este anno mimosear o povo, em troca de umas centenas de mil réis que recebe pelo aluguel do terreno” (n.º 42, p. 7); e, apenas uma vez, do indecifrável P.S.T. (n.º 16). E, também, *Cavaqueando* (n.ºs 24 – 25, n.º 30), onde, apenas, PST, assinou (n.º 28); e *Respigando* ou *Respigos*, não assinados (n.º 42, n.º 43).

O colaborador ARIEJNARAL¹⁸ criou uma grande polémica com o seu artigo continuado (que hoje seria alvo de uma petição pública) “O fim d’uma burla ou o sello nos bilhetes de teatro” (n.ºs 27-30, n.º 32). Outra polémica, agora de Eduardo Fernandes¹⁹ com os seus ousados textos, em continuação, intitulados

¹⁸ Ariejnaral pensamos ser um pseudónimo de Laranjeira (nome lido da direita para a esquerda), antes de ser colaborador na *Vida Artística*, foi referido como “Raul Laranjeira”, um jornalista de outro periódico onde “deixou de fazer parte” (n.º 25, p. 2). Aqui, começou a sua colaboração com o elogio ao *Dr. Thomaz de Mello Breyner* com retrato na primeira página e artigo “A sciencia e a obra de um benemérito” assinado por R. Ariejnaral, nome que vai utilizar como polemista (V. *Vida Artística*, n.º 28, p. 3, p. 8). R. (Raul) Laranjeira (?), antes de ser colaborador na *Vida Artística*, foi, aqui, referido nominalmente como um jornalista de outro periódico (n.º 25, p. 2).

¹⁹ Eduardo Fernandes (1870 – 1945) foi jornalista, repórter, publicista, ensaiador e escritor teatral. Colaborou em muitos periódicos, entre eles a *Vida Artística* onde exerceu funções como chefe de redação, colaborador, também, com as iniciais E.F., e polemista até ao seu afastamento. Autor popular com “obras de todo o género que tem escrito e feito representar em todos os teatros de Portugal, Ilhas, Brasil e Espanha, aqui em traduções e até muitas escritas originalmente em castelhano. Fundou a Associação (de classe) dos Trabalhadores de Teatro (1915) onde dirigiu o núcleo de autores dramáticos

“Puro livre Pensamento” que mereceu resposta oficial e a sua expulsão de sócio da Associação de Registo Civil” (n.ºs 33 – 34), e “Cartas Abertas ao Sr. Presidente da Republica” (n.ºs 36 – 40), os quais provocaram, provavelmente, o seu afastamento no aviso: “Deixou livremente de exercer quaesquer funções n’esta revista o sr. Eduardo Fernandes, até esta data chefe de redacção da *Vida Artística*” (n.º 44, p. 3).

As reportagens fotográficas iniciam-se no segundo número do periódico, nas páginas centrais (pp. 4 e 5), quase todas com os textos e fotografias para cativar mais leitores, em detrimento de outras secções eliminadas por falta de espaço. Delas, destacamos: “Sarau da Polytechnica” no teatro Nacional” (n.º 4); “Resurge o velho theatro portuguez: a festa no Theatro Nacional” por Costa e Silva (n.º 7); “Grande Concurso Hyppico Internacional” (n.º 8; n.º 10); “Sociedade Nacional de Belas Artes: 9.ª exposição” (n.º 9); “O Concurso de Estampilhas da Republica” (n.º 12); “Os Azulejos artisticos nacionaes de Jorge Colaço (1868 – 1942) ” em *tournee* (n.º 13); “Theatro da Trindade”, este com texto de P.S.T. (n.º 17); n.º 18); “Theatro da Natureza²⁰” por P. S. T. (n.ºs 15 – 16, n.º 19, n.º 21, n.º 24); aguarelas de “Roque Gameiro (1864 – 1935) ” em exposição no seu *atelier*, na rua D. Pedro V, com texto de A. Costa (n.ºs 35 – 37); “O theatro Nacional” em 1911-12” por R. Laranjeira (n.º 32) e “Algumas scenas dos 20.000 Dollars no theatro Nacional” (n.º 38); “Companhia do Theatro Gymnasio: 1911-12” (n.º 40); e “Theatro de S. Carlos” (n.º 41).

A partir do terceiro número do semanário aparecem títulos efémeros de secções, como: *Extrangeiro*, sem responsável, que incluiu notícias soltas sobre mulheres: a intrépida “aviadora Elena Dutriou” e “a saia-calção já se usava em Hespanha” (n.º 3, p. 2), entre outras (n.ºs 4 – 6, n.ºs 8 – 9; n.º 11; n.ºs 13 – 14), e *Pelo Mundo*, assinada por *Atys* (n.º 38, n.º 41); *Bibliographia*, por vezes não assinada, iniciando-se com textos biográficos (n.º 4; n.º 10; n.º 12), mas acaba com listagens de *Publicações Recebidas* de forma intermitente (até ao n.º 45); *Chronica(s) Provinciana(s)* (n.ºs 9 – 10; n.º 14; n.ºs 20 – 21); *Cartas Tripeiras* por Eduardo dos Santos, correspondente no Porto, sendo a última de Candido dos Santos (n.ºs 13 – 15; n.ºs 38-39); etc.

O cinema, pasme-se, só é notícia devido à modernidade do ainda hoje existente em Lisboa “Animatographo Olympia: aberto ao publico há pouco tempo, pela encantadora forma da sua instalação, sito na rua dos Condes, impõe-se pelo conforto e bem estar que ali se gosa, onde a par de mais recentes fitas animatográficas o publico encontra um bem orientado salão de leitura” (n.º 7, p. 3) e, depois, repete-se uma vinheta artística com o nome e a morada do animatógrafo (a partir do n.º 11).

Helena Roldão
Hemeroteca Municipal de Lisboa, 9 de julho de 2019

(e pela qual foi nomeado delegado à Comissão Revisora de Leis (*Vida Artística*, n.º 32, p. 5). Foi, ainda, inspetor geral da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (fundada em 1925), empresário do Teatro da Rua dos Condes, e ensaiador competente, além de (ator) amador dramático revelado em récitas de beneficência. (...) Como representante da Associação (da classe) dos Trabalhadores do Teatro, fez parte da comissão que reformou o Código dos Teatros e o Teatro Nacional (...) Pertence à agremiação cultural *Amigos de Lisboa* (1936-). Estreou-se como escritor em 10-III-1892, com uns versos recitados pelo actor Carlos Santos, no Príncipe Real” (V. “FERNANDES (Eduardo)” – In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 11, p. 102).

²⁰ V., também, “Eschylo: a propósito do Theatro da Natureza no Passeio da Estrella” por Alfredo Pinto (Sacavém), *Vida Artística*, n.º 14, p. 2; e “Jardim da Estrella: Theatro da Natureza” por J. Pedroso Amado, *Vida Artística*, n.º 21, p. 6.

BIBLIOGRAFIA

SILVA, Inocêncio Francisco da, e ARANHA, Brito – *Diccionario Bibliográfico Portuguez...* Lisboa : Imprensa Nacional, 1859-1927?

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, 1978.

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses / Instituto Português do Livro e da Leitura. Mem Martins : Publicações Europa- América, 1990.

PIRES, Daniel – *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940).* Lisboa : Grifo-Editores e Livreiros, 1996.

MATOS, Álvaro Costa de, e OLIVEIRA, João Carlos (Coord.) – “O JOGO DA POLÍTICA MODERNA!” *Desenho Humorístico e Caricatura na I República.* Catálogo da exposição. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa – D. M. Cultura – Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais de Cultura, 2010.